

**JORNAL O NORDESTE E A AÇÃO LAICA CATÓLICA: IMPRENSA E
INTELECTUALIDADE LEIGA CATÓLICA NO CONTROLE
COMPORTAMENTAL DA SOCIEDADE FORTALEZENSE (1936-1941)**

Janilson Rodrigues Lima*

A Igreja Católica sempre foi uma instituição presente na sociedade brasileira e suas atividades muitas vezes extrapolaram o viés religioso, neste sentido podemos perceber ao longo da história do Brasil a relação da Igreja Católica com os poderes políticos e os desdobramentos que ocorreram dessas relações e como elas influenciaram a história do país e do estado do Ceará. Nessa perspectiva, nos deparamos com um momento no qual nossa curiosidade foi aguçada. Referimo-nos à década de 1930, pois, segundo nossas leituras, percebemos uma fissura entre essa instituição religiosa e o Estado brasileiro com o fim do período monárquico e início do período republicano de nosso país. Porém, mesmo com esse rompimento, o grupo eclesiástico não desapareceu de cena, muito pelo contrário, houve uma reestruturação da Igreja, a qual buscou fortalecer a hierarquização, e a submissão do clero brasileiro às ordens diretas de Roma, com o intuito de um maior controle e reorganização das bases clericais em nosso país por parte da alta hierarquia eclesiástica, processo esse que ficou conhecido como Romanização. (PARENTE, 2000.)

Esse processo, que foi vivenciado pela Igreja nesse momento de transição política e de consolidação do regime republicano de nosso país, era o início da reorganização dessa instituição, que teve seu auge nos anos 30 e contou com forte atuação não apenas com clérigos, mas principalmente com as atividades de leigos e é justamente nesse segundo grupo que nosso trabalho volta sua atenção, pois vamos procurar analisar e entender como o desempenho desse grupo foi importante para que a Igreja se reaproximasse do Estado e conseguisse trazer conquistas que haviam sido perdidas com a instituição da atual forma de governo da época.

Focamo-nos na perspectiva de analisar as atividades laicas na Igreja, principalmente o papel desempenhado pelos intelectuais na instituição religiosa e seu trabalho voltado aos diversos setores da sociedade, divulgando os preceitos católicos e buscando formar grupos de atuação dentro da Ação Católica¹, que pudessem exortar nos diversos setores sociais os ideais católicos, baseados neste momento no tripé: ordem, família e pátria.

Então a Ação Católica e sua atividade realizada pelos intelectuais católicos leigos, foram de suma importância para entendermos esse período dos anos de 1936 a 1941 em

*Mestrando em História pelo Mestrado Acadêmico em História – MAHIS/UECE. E-mail: janilsonhistoria@gmail.com

Fortaleza, no qual tivemos uma intensa participação desse grupo no cenário político, social e religioso na cidade. Mesmo levando em conta que a atividade desse grupo não se iniciou nesses anos, não podemos deixar de enfatizar como sendo este o ápice da atuação deles na capital cearense.

Essa intelectualidade esteve à frente de várias agremiações católicas dentro de Fortaleza, além de ocupar cargos estratégicos no cenário político da cidade e do estado do Ceará, como exemplo os cargos de Governador do Estado e Prefeito de Fortaleza, exercidos por Menezes Pimentel e Raimundo Alencar Araripe, respectivamente. Por esses motivos, o ano de 1936 foi escolhido como início de nosso trabalho, pois nesse ano temos as articulações do poder executivo do Estado com a intelectualidade católica de Fortaleza. (HENZE, 1995. p.91).

Lembramos que esses intelectuais não ficaram restritos à atuação religiosa. Eles ocupavam postos estratégicos para propagar os ideais defendidos pela Igreja, ao passo que desempenhavam na cidade de Fortaleza, quer fossem na imprensa, quer em cargos públicos ou noutras instituições que fugiam (pelo menos diretamente) ao espaço religioso defendido por eles, utilizando-se destes locais de atuação para divulgarem os seus ideais em torno de uma ordem social embasada de uma forte hierarquização e de um pensamento corporativista. Eles ainda se utilizavam de seus discursos, que se remetiam à família e à nação para reforçar essas construções sociais pensadas enquanto intelectuais católicos inseridos no tecido social da capital cearense.

Portanto, partimos assim para entender a atividade dessa intelectualidade laica e sua preocupação com o comportamento e os hábitos na cidade de Fortaleza. Para isso, analisaremos a partir dos intelectuais Andrade Furtado, Luis Sucupira e José Valdivino a ordem social desejada por eles e pela Arquidiocese de Fortaleza, a qual buscou construir modelos comportamentais com base nos ideais católicos, usando a imprensa como base de combate e de divulgação dos preceitos católicos a sociedade fortalezense.

Intelectualidade laica e a imprensa católica.

No tópico anterior apontamos os três principais intelectuais que serão um dos pontos de partidaridade nosso trabalho. Andrade Furtado, Luis Sucupira e José Valdivino foram selecionados por nós pela constante presença de seus escritos no jornal O Nordeste, sendo este periódico de direcionamento católico e dirigido pelo primeiro destes intelectuais acima mencionados. Nesse sentido, vamos mostrar como era esse jornal e como ele era usado por estes intelectuais para difundir e embutir na sociedade os preceitos defendidos por eles, além



de percebermos a importância e a confiança depositada sobre o diretor desse periódico católico.

Geraldo Nobre, quando questionado pela historiadora Simone de Sousa, a respeito de “como era trabalhar em um jornal católico”, respondeu:

Não havia praticamente diferença. Havia apenas, digamos mais ordem, mais direção no *O Nordeste* do que na *Gazeta*. A *Gazeta* era um jornal eminentemente popular. *O Nordeste*, não; era um jornal, naturalmente, digamos assim, aristocrata, porque o redator-chefe, que representava o Arcebispo de Fortaleza, na verdade proprietário do jornal, doutor Manuel Antônio de Andrade Furtado, era um homem de muita cultura, empolgado pelo catolicismo, sempre escrevia dentro da orientação católica. Eu estava na redação quando ele ia fazer todo dia, sendo Secretário do Governo do Estado, a leitura do seu artigo, a propósito de fazer revisão; na verdade, não fazia revisão, ele lia o artigo, em pé, ao lado da mesa onde eu trabalhava. Nunca sentou à mesa para fazer revisão. Apenas pegava as provas e lia em voz alta, e nunca o vi fazer um conserto; isso porque o jornal tinha um grande revisor de todo o jornalismo cearense, que era Vasco Furtado, parente em que ele confiava muito. Na verdade, de modo que se limitava a ler em voz alta os seus artigos. [grifo do autor] (PONTE, 2004, p. 199)

Andrade Furtado é definido como sendo “representante do Arcebispo de Fortaleza”, além de homem culto e empolgado pela orientação católica, isso já nos dá um indício do papel desse intelectual diante do jornal católico. O Nordeste é caracterizado por Geraldo Nobre como sendo destinado para uma “aristocracia” e lembra que era um jornal “mais organizado”, diferente da *Gazeta de Notícias* que ele indica ser um jornal mais popular e que não tinha tanta organização como o primeiro.

Seria *O Nordeste* um jornal voltado para a aristocracia e o *Gazeta de Notícias* mais popular naquela época? Foi na Era Vargas que começou a se expandir a educação como responsabilidade do Estado, ou seja, uma grande parcela da população não tinha acesso à leitura, dessa forma dificilmente as camadas populares tinham acesso a esses jornais, seja o *Gazeta de Notícias* ou qualquer outro periódico.

Entendemos que nenhum dos dois veículos de comunicação tinha suas produções voltadas para as classes menos favorecidas, populares, pois os periódicos não eram artigos baratos, da mesma forma que não era um bom investimento, considerando que essa camada da população não sabia ler. Diante dessas questões não podemos esquecer que o jornal *O Nordeste* era um diário mantido não pelas suas vendas diárias, mas pelo seu público assinante e isto era constantemente mencionado em suas páginas como sendo: “O diário de maior assinatura no Estado”. O jornal era administrado pela Arquidiocese e tinha a direção da Intelectualidade Católica (MIRANDA, 1987, p. 76), por tais motivos acreditamos que o entrevistado faz afirmação do periódico ser voltado para uma aristocracia, pois tinha um

público alvo e que matinha este periódico através das assinaturas, da mesma forma que o Gazeta de Notícias também tinha um determinado público que desejava atingir.

Analisando os jornais como produto de um contexto histórico, ele tem um determinado público alvo, seja ele católico, político-partidário, letrado, entre outros. No entanto, cabe-nos aqui questionar para quem e com quais interesses esse jornal era vinculado e produzido. O fato desses diários falarem muitas vezes em nome das camadas populares não significava que essas pessoas tinham acesso a tais leituras, pois o próprio jornal católico tinha suas intenções e seus direcionamentos.

E' bom acrescentar mais claramente que são os próprios católicos que sabem quaes são os "seus"jornaes: são os da sua religião, os da Igreja Catholica.

Isto quer dizer que eles teem consciência dos seus deveres. Estão compenetrados da necessidade de manter a sua fé, de defende-la contra os inimigos interiores e exteriores. Sabem, além disso, que o reinado de Christo deve ser dilatado e que a imprensa tem de ser o grande meio para isto como é, infelizmente, para as devastações nos espíritos.

Ora, é disso que também nos precisamos capacitar. Para o catholico só devia haver um jornal – o jornal catholico. Nada de impressas neutras. Em cada lar catholico, um jornal catholico – é o lemma do Papa, que todos devemos seguir.

Mas não podemos dar isto uma interpretação muito larga. Não satisfaz o desejo do Papa, nem a sua obrigação, quem assigna apenas um semanariozinho, uma revistinha semanal ou mensal. Não. Absolutamente não. Que vale uma revistinha ou um jornalzinho semanário de 4 páginas contra o quotidiano neutro ou anticatholico, que leva o veneno ás almas, todos os dias?

O jornal catholico é o diário catholico. E' isto que todos devem saber. (O NORDESTE, 1937, p. 02)

Tania Regina de Luca, falando a respeito do trabalho do historiador, que se debruça sobre este tipo de fonte, nos diz que “a imprensa periódica seleciona, ordena, estrutura e narra, de determinada forma, aquilo que se elegeu como digno de chegar até o público” (LUCA, 2010, p. 139). Dessa maneira também compreendemos o jornal O Nordeste, pois este vespertino tinha um grupo que o produzia e eles tinham suas intenções, como podemos observar. Como exemplo, a notícia não se refere propriamente dita à imprensa fortalezense, começa falando a respeito da atuação dos jornais católicos na Holanda e, por fim, como se este fosse um exemplo a seguir, expõe as ideias contidas acima. Por isso as palavras da autora acima citada são importantes para nossa reflexão, pois usando um argumento de “alargar as obras de Christo” os responsáveis pelo jornal (e aqui nos referimos principalmente a Andrade Furtado e à Arquidiocese de Fortaleza) buscavam claramente incentivar mais assinaturas do seu periódico na cidade. Outro ponto que devemos levar em conta é a oposição feita à “imprensa neutra” responsável, segundo o editorial, pela “devastação nos espíritos”, uma aberta oposição aos jornais que se colocavam contra os preceitos católicos e assim



fundamentando única e exclusivamente o diário católico como responsável pelos direcionamentos e informações ao público católico.

Isso mostra a preocupação desse grupo não apenas no combate aos ideais contrários aos da Igreja, mas com o controle das informações e como elas chegavam ao seu público leitor, já que, segundo nossa fonte, assinar um “semanário” ou uma “revista semanal ou mensal” não era suficiente para a “obra Christo”, apenas o diário católico era o verdadeiro periódico para o público católico. Como estávamos dizendo, a busca pelo controle das informações que chegavam ao público da Igreja era constante, a imprensa comandada pela intelectualidade vem com este intuito de criar e mediar visões de mundo que compactuava com os ideais católicos, dessa maneira buscamos agora entender a relação entre essa intelectualidade católica e o jornal O Nordeste.

Primeiro queremos destacar o jornal católico e sua organização, o qual contava com forte presença da Arquidiocese de Fortaleza e que ao mesmo tempo tinha investimentos voltados para esse setor. Por exemplo, o entrevistado fala que a Gazeta de Notícias ainda não tinha avançado na produção de seus jornais, sendo produzido ainda por uma tipografia. O jornal O Nordeste já tinha sua produção em linotipos² e fazia questão de noticiar isso na capa, abaixo do seu nome, da seguinte forma: “Jornal de maior assinatura no Estado” e, em seguida, na mesma linha, “Jornal composto em linotipos”. Essa forma de composição do jornal era para a década de 30, em nosso estado, um diferencial tanto em termos de confecção como em sua qualidade, o que fazia com que fosse produzido em maior número e assim contribuindo muitas vezes para que tivesse uma maior circulação que os outros. Outro ponto que era destacado pelo mesmo diário era o fato dele ser o de “maior assinatura no Estado”, outro ponto mencionado por Geraldo Nobre.

Porém, não buscamos aqui atestar a veracidade dessa informação, mas sim entender como esse jornal chegava à sociedade fortalezense e como ele era usado para difundir padrões comportamentais e combater ideias contrárias às do grupo católico.

Voltemos, assim, mais uma vez à entrevista feita com Geraldo Nobre:

O Nordeste teve grande receptividade através do trabalho desenvolvido por Monsenhor Antônio Tabosa Braga. O Arcebispo apelou para que os vigários e os padres, de modo geral, procurassem divulgar o jornal. Então, Monsenhor Antônio Tabosa Braga andou pelo interior do Ceará quase todo, fazendo assinaturas para o jornal, que, na época, tinha cerca de três mil assinaturas, jornal de maior número de assinaturas. Praticamente toda a edição do jornal era para atender aos assinantes, de modo que a venda na rua era pequena. (PONTE, 2004, p. 199)

Desse modo, podemos ter uma noção do alcance desse jornal diante do território cearense e temos condições de perceber a preocupação do Arcebispo em fazer com que o jornal pudesse circular pela cidade e pelo estado, tornando esse diário católico porta-voz dos pensamentos e preceitos católicos. No entanto, outro ponto deve ser considerado e que vai ao encontro do pensamento já apontado pelo entrevistado, pois com poucos jornais à venda nas ruas, sua circulação era geralmente vinculada a um grupo que teria condições de serem assinantes, além de termos que levar em conta a atuação dos padres e vigários, que eram responsáveis pela propaganda e divulgação desse periódico.

Assim como Geraldo Nobre, não temos dúvidas de que o jornal católico tanto era produzido por um seleto grupo de intelectuais (incluindo eclesiásticos, mas principalmente leigos) como também as mensagens e reportagens publicadas eram direcionadas para esse grupo. Então, acreditamos ser necessário compreender como as ideias e os preceitos veiculados pelo diário católico eram propagados por essa intelectualidade laica e como buscavam através deles o controle e a disciplina da sociedade fortalezense, impondo uma determinada moral baseada na visão de mundo católica, ao mesmo tempo em que se pretendia legitimar certos tipos de comportamentos que eram desejados pelo grupo católico.

A educação e o controle comportamental em Fortaleza

A imprensa foi uma peça fundamental para a divulgação e o combate dos ideais defendidos pela Igreja Católica e foi através dela que muitos dos debates e tentativas de controle se difundiram na cidade de Fortaleza. Porém, só a imprensa não seria suficiente para ditar o tipo de comportamento que era desejo na sociedade fortalezense pelos católicos, pois o jornal poderia informar os leitores, que, como já foi dito, não eram muitos. Além disso, como ficavam os futuros cidadãos? O futuro da religião católica no Brasil e em Fortaleza? Como esses comportamentos poderiam ser levados adiante? A resposta estava na educação.

A educação parecia então como uma área estratégica. Era um espaço institucionalizado que permitia articular a doutrina e a prática. Neste campo, a Igreja se mostraria particularmente sensível. Os problemas resultantes do aumento da demanda por educação inspiravam soluções que afetavam os fundamentos mais sagrados de sua ação pedagógica. (SCHWARTZMAN, 2000, p.74)

Nesse sentido, entendemos a educação como um setor estratégico para as ações da intelectualidade católica. Porém, quando nos referimos à educação não estamos nos prendendo às ações voltadas apenas à educação escolar, mas também as ações pedagógicas que foram exercidas pela Arquidiocese de Fortaleza e sua intelectualidade, principalmente

quando estamos falando dessas ações a partir do jornal O Nordeste, as quais eram direcionadas ao comportamento e aos hábitos da população da capital cearense.

Em relação à educação escolar, podemos ver qual era o pensamento desses intelectuais a respeito do ensinamento conjunto entre o sexo masculino e o feminino:

Conveniências de preparar o elemento feminino ao lado do masculino, para a vida futura na sociedade; questões econômicas; influências da mulher sobre o homem, tornando-o mais polido, esforçado e nobre – são em traços largos, as razões da coeducação ou do seu grau mínimo: a construção. Que se verifica entre nós.

Seu patrono, Horácio Mann, dizia segundo Compayré: “*Cada sexo exerce sobre o outro uma salutar influência: intelectualmente, estimula-se, moralmente, arrima-se um ao outro.*” (La Adolescencia – pg. 156).

Ao lado de uma jovem, o rapaz refreia os seus instintos e molda as suas inclinações, tornando-se um elemento ideal na colectividade.

Por outra parte, a menina perde essa espécie de temor, esse receio próprio do sexo, que se intitula pudor, e revela-se o tipo acabado de *mulher masculina*, sem preconceitos religiosos, livre de dogmas.

Nada, portanto, mais moderno em educação que a escola mixta, a promiscuidade de sexos, que equivale a uma grande reprovação às leis evangélicas, pobres conceitos sedícios e sem mais nenhuma aplicação pedagógica. [Grifo do autor] (VALDIVINO, 1937, p. 04.)

Temos aqui um claro posicionamento a respeito da coeducação por parte de José Valdivino e que ganha publicação no jornal católico de Fortaleza, em uma parte central do jornal, na qual ficam vários artigos de temas diversos, mas que se destaca por ser depois da capa a parte principal do periódico. Além disso, temos a chamada do referido artigo em destaque, com letras grandes, em negrito e com um sublinhado largo em todo o título para chamar a atenção do leitor.

Contudo, além do realce dado ao título da publicação, o principal estava em seu conteúdo, como podemos observar. Pois desde o início já é mostrado o seu posicionamento contra a educação “mixta”. Outro ponto importante a ser percebido é a preocupação intensa com o sexo feminino, visto que a educação conjunta dos dois sexos poderia trazer benefícios ao rapaz, segundo o olhar do intelectual católico, porém em nenhum momento parece que essa junção poderia trazer benefícios à educação da jovem. Sempre sendo retratada como uma perda das características essenciais da “natureza” feminina, na qual estavam inseridas, segundo Valdivino, a moral, o pudor, os preconceitos religiosos, a aceitação dos dogmas e o temor eram descritos como sendo “próprios do sexo” feminino. Ressaltando que a perda dessas características que levavam as jovens a se transformarem em uma “*mulher masculina*”.

Compreendemos que a discussão em torno da coeducação e da posição contrária por parte do laicato católico não estava inserido apenas sobre um debate em torno da educação ou das práticas pedagógicas que seriam inseridas em Fortaleza, mas sim uma preocupação bem

mais ampla, que consistia na formação dos futuros cidadãos da capital cearense e consequentemente na formação dos futuros católicos e da futura sociedade que se pretendia construir. Nesse viés o grupo católico não iria permitir a formação de uma sociedade que não fosse construída com base nos seus preceitos religiosos. Assim, a discussão em torno do tema da educação estava inserida uma tentativa de estabelecer modos e comportamentos para a sociedade, procurando ditar os valores e as construções sociais, inclusive o lugar social para ambos os sexos. Para isso se utilizou das ações informativas e das ações pedagógicas disseminadas pelo jornal católico, estabelecendo uma hierarquização entre os sexos e uma formação divergente entre ambos, pois a visão do grupo católico estabelecia uma função social distinta para ambos os sexos.

Para entendermos essa distinção entre os homens e mulheres, podemos destacar:

Numa jovem do chamado “set” social o que se procura ressaltar é a exterioridade reflectida no porte, na marcha, no vestido. As qualidades moraes ficam propositadamente esquecidas.

Nessa constante inversão de valores, coloca-se o físico acima do moral, trabalhando-se, consciente ou inconscientemente, por formar uma sociedade selecionada pelas prendas materiaes. [...]

Viva a moça moderna, sem preceitos, que sabe “pintar o sete”, que rema, joga football e anda de bicicleta! Viva a jovem que “bebe champagne nos brindes de regozijo”, que é sempre jovem e tem horror á responsabilidade de contrair núpcias. Pois “o casamento é sempre um atraso para a vida esportiva das moças...”

É este o espetáculo dos nossos dias. São estes os conselhos que se propinam a nossa juventude feminina, até das columnas de órgãos respeitáveis. [sic.] (O NORDESTE, 1936, p. 01)

Neste trecho apresentado, temos alguns comportamentos e práticas que eram questionados pelo grupo católico, no que dizia respeito às jovens de Fortaleza. Como exemplo disso as questões que envolvem a prática esportiva para essas moças, vista de forma negativa, apontadas em alguns escritos desses intelectuais como sendo inapropriado para a “natureza”feminina e aqui temos a confirmação de como essas práticas eram mal vistas e combatidas pelo grupo católico.

No entanto, não esqueçamos que essa oposição se direcionava principalmente às mulheres sendo concebidas ao sexo masculino, porém com uma ressalva, que servia para ambos os sexos, que diz respeito ao casamento. Pois, em nenhum caso, poderia deixar o matrimônio de lado para se dedicar única e exclusivamente à prática esportiva. Todavia, como podemos perceber, para as mulheres parecia ter um peso maior, pois não foi mencionado o caso masculino na citação que vimos.

Além do esporte temos também críticas a alguns comportamentos que seriam “impróprios” à juventude feminina, como era o caso de andar de bicicleta, beber, não casar e



principalmente não contrair núpcias. Estes dois últimos nos trazem informações preciosas, pois o fato de não casar já foi mencionado acima, portanto, esta informação, junto com a de “contrair núpcias”, mostra qual o lugar social destinado à mulher. A Arquidiocese de Fortaleza e sua intelectualidade por diversas vezes se coloca como sendo protetora da família e da moral, esta primeira era um instrumento utilizado pelo grupo católico para poder ditar as regras comportamentais e a partir das famílias poderem controlar os hábitos e os costumes, usando do jornal católico como um forte instrumento de ação pedagógica, instruindo as famílias católicas e ditando os padrões que deveriam ser seguidos. Dessa maneira, fica clara a relação entre o casamento e as núpcias, pois, de acordo com o grupo católico, o lugar social das mulheres era o matrimônio, o lar e a família, ou seja, o cuidado com o marido, com os afazeres domésticos e com os filhos.

Porém, quando o comportamento se direcionava para o sexo masculino os valores e os cuidados eram outros.

Jogatina desemfreada

Já se joga, em Fortaleza, nas praças públicas e a toda hora.

Nas imediações dos Correios e Telegraphos, lá estão bancas de jogos, sorteios, que são frequentadas por inúmeras crianças. Este é, justamente, o ponto mais lamentável, no caso, pois estes menores, certamente, andam as escondidas dos seus pais. Que a polícia tome as providências exigidas pelo saneamento dos costumes.

Porque tão desemfreada jogatina? Pela proximidade do carnaval?

Não se justifica. (O NORDESTE, 1937, p. 04)

Nesta nota publicada no jornal católico, podemos analisar que a preocupação com o sexo masculino não estava relacionada ao matrimônio ou à família, como era destacado para as jovens fortalezenses. Temos naquele momento uma preocupação com a jogatina, com um maior cuidado com as crianças, pois a atenção que era despertada para o comportamento masculino estava centrada nos jogos, na bebida e com o meretrício, uma vez que o homem estava associado ao trabalho, sendo considerado como o responsável pelo sustento da família e estas atividades que foram há pouco mencionadas estavam associadas não ao trabalhador, mas ao “malandro”, ao “desocupado”, à “vadiagem” e não eram esses os valores que se buscava para os jovens e homens de Fortaleza.

Outro ponto de destaque e que preocupava o grupo católico era o momento de carnaval, caracterizado como um momento do desregramento e que trazia uma intensa preocupação por parte da Arquidiocese de Fortaleza e de seus intelectuais, sendo esta festividade combatida pelas folhas do periódico católico, além das várias outras atividades para suprir essa festa do “devaneio”, usando de retiros fechados e com intensa formação para os participantes.

Nesse sentido, podemos considerar que as preocupações em torno dos valores morais e comportamentais na sociedade de Fortaleza, nos anos de 1936 a 1941, foram intensos, principalmente quando esses valores eram buscados legitimidade e acolhimento através do jornal O Nordeste, periódico ligado à Arquidiocese de Fortaleza e sua intelectualidade leiga. Buscando construir uma sociedade baseada nos valores católicos e que definia comportamentos e práticas diferenciados para homens e mulheres, a intelectualidade se utilizou do jornal católico para difundir seus ideais e valores ao mesmo tempo em que usou como base para os embates em torno dos valores católicos e da visão de educação católica, que a compreendemos como um instrumento para o controle comportamental, a difusão dos valores católicos e a construção de um lugar social distinto para homens e mulheres, no qual este primeiro estaria ligado ao viés político, ao intelectual e ao trabalho, enquanto que a mulher ficaria ligada ao matrimônio, ao lar e à família.

Referências Bibliográficas

- HENZE, Hans Herbert M. **O centro D. Vital**: Igreja, sociedade civil e sociedade política no Brasil (1930-1945). 1995. 264f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1995.
- LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: **Fontes históricas** / Carla Bassanezi Pinsky, (organizadora). 2.ed., 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2010.
- MIRANDA, Julia. **O poder e a fé**; discurso e prática católicos. Fortaleza, Edições UFC, 1987
- PONTE, Sebastião. **História e Memória do Jornalismo Cearense**. Sebastião Rogério Ponte (Coordenador). – Fortaleza: Núcleo de Documentação Cultural – NUDOC/ UFC, Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado do Ceará. Secretária de Cultura – SECULT. 2004.
- SCHWARTZMAN, Simon. **Tempos de Capanema** / Simon Schwartzman, Helena Maria Bousquet Bomeny, Vanda Maria Ribeiro Costa – São Paulo: Paz e Terra: Fundação Getúlio Vargas, 2000. p. 74.

Fontes Consultadas

- A GRANDE OBRA. **O Nordeste**, Fortaleza, 29 de janeiro de 1937, p.02.
- JUVENTUDE MAL ACONSELHADA. **O Nordeste**, Fortaleza, 08 de janeiro de 1936, p. 01.
- VALDIVINO, José. “O perigo da coeducação”. In: **O Nordeste**, Fortaleza, 05 de fevereiro de 1937, p. 04.

Notas

¹ A Ação Católica foi um movimento da Igreja Católica iniciado nas primeiras décadas do século XX, que consistia na atuação leiga no meio social, com criação de agremiações, revistas, jornais católicos, entre outros vários campos de atividade que atingisse a sociedade.

² Linotipos eram as máquinas usadas na época para fazer as grandes impressões, geralmente usadas para fazer jornais e publicações de maior circulação.